

UFSCar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO CIÊNCIAS SOCIAIS

Mariana Manzini

DEMOCRACIA, COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E PLATAFORMAS DIGITAIS:
AS ARTES COMO MEDIAÇÃO ÉTICA E TRANSFORMADORA DO CONHECIMENTO

São Carlos

2026

Mariana Manzini

DEMOCRACIA, COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E PLATAFORMAS DIGITAIS:
AS ARTES COMO MEDIAÇÃO ÉTICA E TRANSFORMADORA DO CONHECIMENTO

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências
Humanas da Universidade Federal de São Carlos
como requisito para a obtenção do Título de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro

São Carlos

2026

Manzini, Mariana

Democracia, comunicação científica e plataformas digitais: as artes como mediação ética e transformadora do conhecimento / Mariana Manzini -- 2026.
38f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Renilson Rosa Ribeiro
Banca Examinadora: Renilson Rosa Ribeiro, Mairon Escorsi Valério
Bibliografia

1. Comunicação científica. 2. Arte. 3. Cultura. I. Manzini, Mariana. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

Mariana Manzini

DEMOCRACIA, COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E PLATAFORMAS DIGITAIS:
AS ARTES COMO MEDIAÇÃO ÉTICA E TRANSFORMADORA DO CONHECIMENTO

Trabalho aprovado para a Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 15 de junho de 2026.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro
Orientador
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério
Avaliador
Universidade de São Paulo (USP)

Enfrentamos um terrível problema em nossa economia política global: o surgimento de novas lógicas de expulsão. Nas duas últimas décadas, houve grande crescimento da quantidade de pessoas, empresas e lugares expulsos das ordens sociais e econômicas centrais de nosso tempo. Essa guinada em direção à expulsão radical foi possibilitada por decisões elementares em alguns casos; em outros, por algumas de nossas conquistas econômicas e técnicas mais avançadas. O conceito de expulsões leva-nos além daquela ideia que nos é mais familiar da desigualdade crescente como forma de entender as patologias do capitalismo global atual.

Saskia Sassen (2016)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à professora Sylvia Iasulaitis, que me despertou o interesse e o encanto por esta área. Sou imensamente grata pela confiança, pelas oportunidades oferecidas e pela chance de participar do projeto de comunicação científica da FAPESP, experiência fundamental para a construção das ideias que deram origem a este trabalho. Sua dedicação e seus ensinamentos marcaram profundamente minha trajetória acadêmica e pessoal.

Ao professor Renilson Rosa Ribeiro, agradeço pela orientação cuidadosa, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e pela contribuição essencial no desenvolvimento deste trabalho. Sua ajuda foi indispensável para tornar este texto viável, além das valiosas referências e contribuições acadêmicas que enriqueceram esta pesquisa.

Ao meu noivo, Matheus Teixeira da Costa, dedico uma das maiores gratidões deste trabalho e da minha vida. Obrigada por ser meu apoio incondicional em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis. Você nunca me deixou desistir deste sonho, mais do que isso, nunca me deixa desistir de mim mesma ou de qualquer outro sonho que eu tenha. Seu amor, cuidado, paciência e incentivo foram meu alicerce durante toda esta trajetória. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu não conseguia acreditar sozinha, por segurar minha mão nos momentos de medo e por tornar os dias difíceis mais leves. Esta conquista também é sua porque sem você eu não teria chegado até aqui. Sou imensamente grata por dividir a vida com a pessoa com quem quero compartilhar, não apenas esta conquista, mas todos os momentos do meu futuro.

À Dilma Teixeira da Costa, expresso meu mais profundo carinho e gratidão por todo acolhimento, cuidado e apoio ao longo desta trajetória. Desde que cheguei, você me recebeu como uma filha, sempre com generosidade, compreensão e afeto. Obrigada por nunca me julgar, pelos conselhos sinceros, pelo apoio constante e por ter sido um ombro amigo em tantos momentos importantes da minha vida. Grande parte das conquistas que construímos até aqui também só foi possível graças a você, à sua presença e ao amor com que sempre cuidou de nós.

À minha psicóloga, Graça Lima, agradeço por todo acolhimento, apoio e cuidado ao longo da graduação. Em momentos muito difíceis, sua ajuda foi essencial para que eu conseguisse continuar esta caminhada. Além de ser uma profissional admirável e extremamente competente, você esteve ao meu lado com uma generosidade que ultrapassou sua atuação profissional, sempre me incentivando, acolhendo e me ajudando a acreditar mais em mim mesma. Sua importância nesta conquista jamais será esquecida.

Por fim, agradeço a mim mesma, por não ter desistido. Pela força para continuar mesmo diante das dificuldades, pela persistência em seguir firme em direção a um sonho construído desde a infância e pela coragem de concluir mais uma etapa tão importante da minha trajetória.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	8
NAVEGAR	9
1. COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E DEMOCRACIA	14
2. CAPITALISMO, AFETOS E ECONOMIA DA ATENÇÃO	18
3. AS ARTES COMO MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	23
4. CORPO, EMOÇÃO E DUBLAGEM DOS SABERES	25
5. A IARA, A BRASILIDADE E AS PLATAFORMAS	28
EM BUSCA DE PONTOS DE FUGA	33
REFERÊNCIAS	35

DEMOCRACIA, COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E PLATAFORMAS DIGITAIS: AS
ARTES COMO MEDIAÇÃO ÉTICA E TRANSFORMADORA DO
CONHECIMENTO

DEMOCRACY, SCIENTIFIC COMMUNICATION, AND DIGITAL PLATFORMS:
THE ARTS AS AN ETHICAL AND TRANSFORMATIVE MEDIATION OF
KNOWLEDGE

Mariana Manzini

RESUMO

Este artigo discute as relações entre democracia, comunicação científica e artes, analisando como práticas artísticas podem operar como formas de mediação, humanização e democratização do conhecimento em contextos contemporâneos marcados por desigualdades estruturais e pela lógica das plataformas digitais. A partir de uma abordagem interdisciplinar, articula contribuições da comunicação, sociologia, filosofia, antropologia e educação crítica para examinar os efeitos do capitalismo contemporâneo sobre os afetos, os processos de produção do saber e os regimes de circulação simbólica. O texto mobiliza a música “Marujo”, da banda *Puro Suco*, e elementos da cultura popular brasileira, especialmente a figura da Iara, como metáforas da experiência do conhecimento concebido como travessia coletiva, atravessada por tensões, deslocamentos e possibilidades de transformação social. Defende-se que a comunicação científica deve ultrapassar modelos estritamente técnicos, incorporando dimensões culturais, estéticas e emocionais capazes de ampliar o acesso ao conhecimento, fortalecer práticas democráticas e promover formas mais inclusivas de participação social.

Palavras-chave: comunicação científica; democracia; arte; transformação social; emoções; cultura.

ABSTRACT

This article discusses the relationships between democracy, scientific communication, and the arts, analyzing how artistic practices can function as forms of mediation, humanization, and democratization of knowledge in contemporary contexts marked by structural inequalities and the logic of digital platforms. Drawing on an interdisciplinary

approach, it brings together contributions from communication studies, sociology, philosophy, anthropology, and critical education to examine the effects of contemporary capitalism on emotions, knowledge production processes, and regimes of symbolic circulation. The text mobilizes the song “Marujo” by the band *Puro Suco*, as well as elements of Brazilian popular culture, especially the figure of Iara, as metaphors for the experience of knowledge understood as a collective journey, traversed by tensions, displacements, and possibilities of social transformation. It argues that scientific communication must move beyond strictly technical models, incorporating cultural, aesthetic, and emotional dimensions capable of broadening access to knowledge, strengthening democratic practices, and fostering more inclusive forms of social participation.

KEYWORDS: scientific communication; democracy; art; social transformation; emotions; culture.

NAVEGAR...

A contemporaneidade é marcada por profundas transformações nas formas de produção, circulação e legitimação do conhecimento. A expansão das plataformas digitais, a intensificação das mediações algorítmicas e a reorganização dos fluxos globais de informação alteraram, não apenas os modos de comunicação e de subjetivação das pessoas, mas também as próprias estruturas de poder responsáveis pela organização simbólica da sociedade. Em um cenário atravessado pela hiperconectividade, aceleração do consumo informacional e monetização da atenção humana, a disputa pelo sentido torna-se elemento central das dinâmicas políticas e culturais contemporâneas.

Nesse contexto, a ciência ocupa uma posição paradoxal. Ao mesmo tempo em que conquistou maior visibilidade pública – especialmente em função da centralidade das redes digitais e das crises globais recentes – também passou a enfrentar intensos processos de deslegitimação, desinformação e fragmentação discursiva, conforme pode-se verificar no período da pandemia da Covid-19, entre 2020 e 2022. A circulação ampliada de conteúdos científicos não resultou, necessariamente, em democratização do conhecimento. Pelo contrário, muitas vezes a lógica algorítmica das plataformas favorece conteúdos simplificados, polarizados e emocionalmente explosivos, em detrimento de análises complexas, críticas e reflexivas. A ciência passa, portanto, a disputar espaço em ambientes comunicacionais organizados pela velocidade, pelo engajamento imediato e pela economia da atenção.

Historicamente, a produção científica foi estruturada em ambientes institucionais altamente especializados, marcados por linguagens técnicas – por vezes, muito herméticas –, protocolos formais e dinâmicas internas de validação. Embora essas estruturas tenham sido fundamentais para a consolidação do rigor metodológico e da credibilidade acadêmica desde o projeto iluminista, no século XVIII, elas também contribuíram para o distanciamento entre ciência e sociedade. O conhecimento científico passou, em diferentes contextos, a ser percebido como inacessível, elitizado e desconectado das experiências concretas da população – o que se define como a vida prática.

Boaventura de Sousa Santos (2007) argumenta que a modernidade ocidental produziu epistemologias dominantes responsáveis por invisibilizar saberes populares, periféricos e não hegemônicos. Nesse sentido, a ciência moderna, assentada na matriz do pensamento eurocentrado de viés colonialista, ao estabelecer critérios rígidos de

legitimidade, frequentemente marginalizou formas de conhecimento produzidas nas experiências cotidianas, nos territórios periféricos, nas culturas tradicionais e nos espaços comunitários. Democratizar a ciência implica, portanto, reconhecer que o conhecimento não se produz exclusivamente dentro das universidades ou laboratórios, mas também nas práticas culturais, nos movimentos sociais, nas experiências coletivas e nos processos históricos de resistência. Em outras palavras, há saberes forjados em espaços de dissidência, de fronteiras, de trânsitos culturais.

A democratização do conhecimento requer mais do que acesso técnico à informação. Ela pressupõe condições efetivas de presença e permanência por meio da participação simbólica, do reconhecimento cultural e da construção coletiva de sentidos. Isso significa compreender que o acesso ao saber não acontece apenas no plano racional ou cognitivo, mas também no plano emocional, afetivo e sensível, superando o binômio razão *versus* emoção e a ideia de neutralidade/imparcialidade. A informação, isoladamente, não produz pertencimento. Para que o conhecimento seja verdadeiramente democrático, em uma perspectiva plural, é necessário que os sujeitos consigam reconhecer-se nas narrativas, linguagens e experiências que estruturam os processos comunicacionais.

É justamente nesse ponto que as artes emergem como instrumento fundamental de mediação. Diferentemente da linguagem científica tradicional, frequentemente orientada por protocolos formais e racionalidades específicas, as artes operam também no campo da emoção, da metáfora, da memória e da experiência sensível. Ela constrói pontes simbólicas entre diferentes repertórios culturais, criando condições para que o conhecimento seja apropriado de maneira mais humana, plural e significativa, considerando as experiências de populações invisibilizadas historicamente.

As artes não atuam apenas como recurso ilustrativo ou ferramenta pedagógica complementar. Neste texto, elas são compreendidas como linguagem epistemológica capaz de ampliar as possibilidades de compreensão do mundo a partir de diferentes maneiras de ser, sentir e saber. Ao mobilizar imagens, sons, narrativas, afetos e experiências compartilhadas, as artes produzem formas alternativas de elaboração do conhecimento, aproximando ciência e experiência humana.

A música “Marujo”, da banda *Puro Suco*¹, atravessa este artigo como metáfora da travessia humana diante das tensões do mundo contemporâneo. O mar, o

¹ A banda *Puro Suco*, originária do Brasil, constitui uma expressão musical contemporânea marcada pela fusão de elementos da música popular brasileira com influências de gêneros urbanos, especialmente o *rap*,

barco, a navegação, o vento, a sede e os deslocamentos aparecem como imagens simbólicas capazes de representar os processos de busca, vulnerabilidade, resistência e transformação presentes, tanto na ciência, quanto na experiência coletiva da vida social. Navegar, nesse contexto, não significa somente se deslocar geograficamente, mas se permitir ser atravessado pelas experiências, contradições e aprendizados que emergem ao longo do percurso, das travessias.

Toda vez que
Eu piso na calçada
Eu mudo tudo
Todo mundo, fala muito
Daqui vou tomar meu rumo

É ai que eu sumo
E num apareço
Quando se grita sentimento
O mundo todo faz de surdo

É ai que eu fujo
Piratas sempre saqueiam os marujos
É o som da alma, lá do fundo
Do meu poço é o puro suco

E eu sempre puto
A juventude, a vaidade
Hoje é o amor versus produto
Ei, a sensibilidade me guia
E essa intuição
Dessa indigestão
Fez nós vomitar toda essa agonia
E a Lua me via, e eu via ela, na aquarela era
só Jazz e poesia

Toda vez que eu piso na calçada
Eu mudo tudo
Todo mundo, fala muito
Daqui vou tomar meu rumo

É ai que eu sumo
E num apareço
Quando se grita sentimento
O mundo todo faz de surdo

É ai que eu fujo
Piratas sempre saqueiam os marujos

É o som da alma, lá do fundo
Do meu poço é o puro suco
E eu sempre sumo

Marujo
Mais sujo
Marujo
Marujo

Marujo, aonde vai com teus pés?
Há um divã no teu céu
O teu jardim virou mar
E se teu barco afundar
Quem vai lavar o teu copo?
Quem vai salvar o teu corpo?
Me diga quem me dirá
E se ninguém vier
Roubo o tesouro do mundo
Já faz um tempo que eu me sinto sujo,
imundo
Me afogando no teu caos mais profundo
(mar, mar)

Toda vez que eu piso na calçada
Eu mudo tudo
Todo mundo, fala muito
Daqui vou tomar meu rumo
É ai que eu sumo
E num apareço
Quando se grita sentimento
O mundo todo faz de surdo

É ai que eu fujo
Piratas sempre saqueiam os marujos
É o som da alma, lá do fundo
Do meu poço é o puro suco
E eu sempre sumo

o *funk* e sonoridades experimentais. Sua produção artística se caracteriza por forte dimensão crítica e poética, abordando temas como desigualdade social, subjetividade, relações de poder e experiências da vida cotidiana em contextos periféricos. Ao articular lirismo e denúncia social, o grupo constrói narrativas que transitam entre o sensível e o político, produzindo uma estética que valoriza a ambiguidade, a metáfora e a densidade simbólica.

Marujo	E num apareço
Marujo	Quando se grita sentimento
Marujo	O mundo todo faz de surdo
Marujo	
	Toda vez
Toda vez que eu piso na calçada	Mas toda vez que eu piso
Eu mudo tudo	Toda vez
Todo mundo, fala muito	Toda vez que eu piso
Daqui vou tomar meu rumo	Marujo
	Marujo
É ai que eu sumo	Marujo

Fonte: Puro Suco (2019).

A figura do marujo representa o sujeito contemporâneo diante da instabilidade das águas sociais, políticas e emocionais do presente. Em meio às tempestades informacionais, às disputas narrativas e à fragmentação dos vínculos humanos, o marujo segue navegando, ajustando velas, limpando binóculos e tentando construir horizontes possíveis de orientação e sentido. Essa metáfora dialoga diretamente com a seguinte reflexão: limpar os óculos é um gesto de resistência, de reconexão com a clareza e com a verdade. A travessia, portanto, torna-se também exercício ético de percepção crítica diante das distorções produzidas pelas dinâmicas contemporâneas de comunicação. Nesse sentido, travessia é diferente de trajetória, que pressupõe uma linearidade, um sentido, um norte.

Ao incorporar a metáfora da navegação, o texto propõe compreender a comunicação científica, não como transmissão linear de conteúdo, mas sim como processo relacional atravessado por afetos, conflitos, sensibilidades e disputas simbólicas. Comunicar ciência requer construir pontes entre diferentes mundos, reconhecer experiências plurais e criar linguagens capazes de acolher as complexidades da existência humana para além das linhas de divisões identitárias para fins de exclusão.

Nesse sentido, a noção de “dublagem de saberes” oferece importante chave interpretativa para pensar a comunicação científica contemporânea. Dublar não significa apenas “traduzir” ou “trair”. Significa amplificar, ressignificar e conectar vozes. Trata-se de uma prática de mediação ética e cultural que transforma conteúdos técnicos em experiências compartilháveis, sem eliminar sua complexidade. A dublagem constitui uma prática de encantamento e resistência, permitindo que diferentes sujeitos participem dos processos de produção de sentidos. (Latour, 1987).

As plataformas digitais aparecem, nesse contexto, como espaços ambíguos. Ao mesmo tempo em que reproduzem mecanismos de vigilância, mercantilização dos

afetos e concentração de poder simbólico, também podem funcionar como territórios de reflexividade, amplificação de vozes e transformação coletiva. Logo, é preciso compreender as plataformas como “espaços de ancoragem, reflexão e transformação”, capazes de operar simultaneamente como espelhos e trampolins das experiências humanas.

A figura da Iara, retomada aqui como metáfora das plataformas e da reflexividade brasileira, pode ampliar ainda mais essa discussão. Guardiã das águas, dos rios e das memórias, a Iara, na cultura popular, simboliza uma forma de comunicação profundamente conectada ao cuidado, à escuta e à preservação das narrativas coletivas. Seu canto não representa apenas feitiço, representa, também, responsabilidade ética diante das histórias e experiências que circulam pelas águas sociais. Assim como a Iara lê os rios e transforma correntes em narrativas, os comunicadores científicos e artistas contemporâneos precisam aprender a interpretar os fluxos simbólicos do presente, traduzindo complexidades sem apagar suas tensões, dissidências e confrontos.

Donna Haraway (1995), ao propor a noção de saberes localizados, reforça a importância de reconhecer que todo conhecimento é produzido a partir de perspectivas situadas histórica, política e culturalmente. Não existe neutralidade absoluta na produção científica. Toda narrativa sobre o mundo parte de experiências específicas, atravessadas por relações de poder, memórias e posicionamento social.

Nessa perspectiva, aproximar ciência, artes e brasilidade torna-se também um gesto político. Significa reconhecer a potência epistemológica das culturas populares, das narrativas periféricas, da oralidade, da música e das múltiplas formas de existência historicamente marginalizadas pelos modelos hegemônicos de produção do conhecimento.

A comunicação científica, quando atravessada pela arte, emoção e escuta sensível, deixa de operar exclusivamente como mecanismo técnico de transmissão informacional e passa a constituir prática ética de cuidado coletivo. Ela pode se transformar em espaço de construção de vínculos humanos, elaboração crítica da realidade e fortalecimento democrático.

Este artigo, portanto, propõe compreender a comunicação científica como prática simultaneamente ética, estética e política. A partir das contribuições da educação crítica, dos estudos culturais, da sociologia da ciência e das teorias da comunicação, busca-se analisar de que maneira as artes podem contribuir para a humanização do

conhecimento e a construção de práticas democráticas mais inclusivas, plurais e transformadoras.

Mais do que informar, comunicar ciência demanda criar condições para que os sujeitos possam sentir, interpretar, questionar e transformar o mundo em que vivem. Afinal, como sugere a metáfora do marujo, navegar não é apenas sobreviver às tempestades, mas aprender a construir sentidos coletivos enquanto se atravessa o mar das incertezas contemporâneas.

1. COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E DEMOCRACIA

A comunicação científica não constitui apenas um mecanismo técnico de divulgação imparcial de resultados acadêmicos. Ela participa diretamente da construção das relações entre ciência, sociedade, cultura e poder. Em contextos historicamente marcados por desigualdades estruturais, disputas simbólicas e exclusões sociais, a circulação do conhecimento transforma-se em questão profundamente política. Mais do que informar, comunicar ciência implica disputar narrativas sobre o mundo, definir quais vozes serão ou não legitimadas socialmente e estabelecer quais formas de conhecimento serão ou não reconhecidas como válidas.

A ciência moderna consolidou-se como uma das principais instituições de produção de verdade na contemporaneidade. Seus métodos, linguagens e protocolos de validação foram fundamentais para importantes avanços tecnológicos, médicos, sociais e culturais. Entretanto, esse mesmo processo também produziu hierarquias epistemológicas que frequentemente afastaram determinados sujeitos (mulheres, afrodescendentes, indígenas, ciganos, pessoas com deficiência, neurodivergentes e LGBTQIAPN+) dos espaços de produção do conhecimento. A especialização acadêmica, embora necessária para o rigor metodológico, contribuiu para a construção de barreiras simbólicas entre ciência e sociedade.

Boaventura de Sousa Santos (2007) afirma que a modernidade ocidental estabeleceu epistemologias dominantes responsáveis por invisibilizar e/ou excluir saberes populares, experiências periféricas e formas alternativas de produção do conhecimento. Ao estabelecer critérios específicos de legitimidade científica, a racionalidade moderna de perspectiva eurocêntrica frequentemente marginalizou conhecimentos produzidos fora das instituições acadêmicas formais. Povos indígenas, comunidades tradicionais, culturas

populares e experiências periféricas passaram, muitas vezes, a ocupar posições secundárias, quando não expropriadas, nos processos de reconhecimento epistemológico.

Nesse sentido, a comunicação científica não pode ser pensada apenas como simplificação de conteúdos técnicos para públicos leigos. Democratizar a comunicação científica implica reconhecer a pluralidade epistemológica existente na sociedade e construir processos comunicacionais capazes de dialogar com diferentes experiências sociais, culturais e emocionais.

A democratização do conhecimento pressupõe mais do que acesso formal à informação. Ela demanda participação simbólica, reconhecimento cultural e construção coletiva de sentidos. Isso significa compreender que o conhecimento não circula unilateralmente por meio da racionalidade técnica, mas também por meio das memórias, da oralidade, dos afetos, das experiências compartilhadas e das práticas culturais.

Paulo Freire (1987) contribui decisivamente para essa reflexão ao propor uma educação baseada no diálogo, na escuta e na horizontalidade das relações pedagógicas. Para o autor, o conhecimento não deve ser concebido como transmissão unilateral de conteúdo, mas como prática coletiva de construção de sentidos mediada pela experiência concreta dos sujeitos.

A crítica freireana à “educação bancária” oferece importante chave interpretativa para pensar os limites de determinados modelos tradicionais de divulgação científica. Quando a ciência comunica de maneira verticalizada, tratando o público como receptor passivo de informações, reproduz-se uma lógica hierárquica que enfraquece a participação democrática e restringe os processos de apropriação crítica do conhecimento.

Ao dialogar com a comunicação científica, a perspectiva freireana pede o abandono de modelos exclusivamente verticais de divulgação. O comunicador científico deixa de ocupar posição de autoridade absoluta para assumir o papel de mediador, tradutor e articulador de experiências. Comunicar ciência passa a significar construir pontes entre diferentes repertórios culturais, reconhecer saberes plurais e criar condições para que os sujeitos se reconheçam nos processos de produção do conhecimento.

Essa mediação requer sensibilidade ética, política e estética. O conhecimento científico não se torna democrático somente porque está disponível digitalmente. Em sociedades atravessadas por desigualdades sociais profundas como a brasileira, o acesso à informação não garante, por si só, condições efetivas de participação. É necessário considerar também os aspectos emocionais, culturais e simbólicos envolvidos na circulação dos saberes.

Nesse contexto, as artes emergem como dimensão central da democratização do conhecimento. A linguagem artística possui capacidade singular de aproximar conteúdos complexos das experiências concretas da população. Ao mobilizar metáforas, narrativas, sons, imagens e emoções, as artes forjam formas mais plurais, sensíveis e acessíveis de relação com o saber científico (Damásio, 1996).

Portanto, compreender a comunicação como prática de “dublagem”, não no sentido simplificado de tradução técnica, significa estabelecer processos diversos de amplificação, ressignificação e cuidado com as narrativas. Dublar, nessa perspectiva, significa criar mediações capazes de transformar conteúdos especializados em experiências compartilháveis, preservando sua complexidade sem reproduzir exclusões simbólicas. Não se está aqui defendendo uma simplificação acrítica ou a vulgarização de temas, teses e procedimentos complexos do fazer ciência.

Essa noção de dublagem dialoga diretamente com a ideia de comunicação científica democrática. O comunicador atua como alguém que atravessa mundos distintos, construindo conexões entre linguagens acadêmicas e experiências sociais diversas. Para além de transmitir informações, ele produz condições de pertencimento, apropriação e identificação.

As plataformas digitais ampliam ainda mais essas tensões. Manuel Castells (2009) afirma que a sociedade em rede reorganizou profundamente as formas contemporâneas de circulação do poder. As plataformas tornaram-se espaços centrais de disputa narrativa, visibilidade social e construção simbólica da realidade.

Entretanto, essas plataformas são marcadas por profundas ambiguidades. Ao mesmo tempo em que ampliam possibilidades de circulação de vozes historicamente marginalizadas, também reproduzem mecanismos de vigilância, concentração de poder e mercantilização da atenção humana. A lógica algorítmica, conforme os estudos acadêmicos nas Ciências Sociais e Ciência da Informação, frequentemente privilegia conteúdos simplificados, polarizados e emocionalmente intensos, dificultando experiências de reflexão crítica mais aprofundada.

Por isso é fundamental compreender as plataformas como espaços simultaneamente tecnológicos e simbólicos, territórios de reflexão, transformação e disputa de narrativas. Elas funcionam como espelhos e ancoragens da reflexividade, permitindo questionar de onde falamos, quais vozes amplificamos e quais histórias escolhemos narrar ou ignorar/censurar.

Dessa forma, democratizar a comunicação científica sugere também disputar os sentidos produzidos dentro das plataformas digitais. Não basta ocupar esses espaços; é necessário transformá-los, contrariando a lógica das correntezas do pensamento hegemônico dos algoritmos, em ambientes de escuta, pluralidade e construção coletiva do conhecimento.

Essa compreensão torna-se particularmente importante no contexto brasileiro, marcado por profundas desigualdades históricas, sociais, raciais e geracionais. Democratizar a ciência no Brasil pressupõe reconhecer a potência epistemológica das culturas populares, das periferias urbanas, das comunidades tradicionais, das populações indígenas e afrodescendentes, das experiências dos migrantes e das múltiplas formas de produção de conhecimento historicamente invisibilizadas.

A figura da Iara oferece potente metáfora para pensar essa mediação. Guardiã das águas e das memórias, a Iara simboliza uma comunicação baseada na escuta, no cuidado e na preservação das narrativas coletivas. Seu canto representa encantamento acompanhado de responsabilidade ética diante das histórias que circulam pelas águas sociais.

Assim como a Iara transforma os rios em espaços de memórias e reflexão, a comunicação científica necessita transformar as plataformas em territórios de acolhimento, diálogo e construção coletiva de sentidos que enfrentem os discursos de ódio, as ilusões de fortuna e os padrões de estética para os corpos. Comunicar ciência exige aprender a navegar pelas complexidades do presente sem reduzir o conhecimento à lógica instrumental da informação rápida, descartável e anedótica.

bell hooks (1995) argumenta que práticas culturais podem funcionar como espaços de resistência política e elaboração coletiva das dores sociais. Nesse sentido, aproximar ciência, artes e cultura popular representa também uma estratégia de democratização epistemológica. As artes permitem construir vínculos humanos, ampliar repertórios sensíveis e criar experiências comunicacionais mais inclusivas.

A ciência torna-se verdadeiramente democrática quando consegue dialogar com as necessidades concretas da população – a vida prática –, permitindo que os sujeitos se reconheçam nos processos de produção do conhecimento. Isso significa compreender que comunicar ciência, para além de apenas transmitir conteúdos, cria condições para participação crítica, reconhecimento simbólico e transformação social.

Mais do que informar, a comunicação científica democrática precisa produzir escuta, pertencimento e possibilidade de travessias coletivas diante das incertezas

contemporâneas. Afinal, em uma sociedade marcada por disputas narrativas intensas e fragmentação dos vínculos humanos, democratizar o conhecimento significa também reconstruir formas mais humanas, plurais e sensíveis de relação com o mundo.

2. CAPITALISMO, AFETOS E ECONOMIA DA ATENÇÃO

A sociedade contemporânea encontra-se estruturada por uma lógica informacional que reorganiza profundamente as formas de percepção, produção e circulação do conhecimento. Nesse cenário, a atenção humana torna-se um recurso estratégico central, sendo continuamente disputada por sistemas técnicos que operam por meio de interfaces digitais, arquiteturas algorítmicas e regimes de visibilidade seletiva. A experiência comunicacional deixa de ser apenas um processo de troca simbólica e passa a integrar uma economia sofisticada de captura, retenção e modulação de comportamentos, forjadas dentro da estrutura da lógica neoliberal.

Esse deslocamento redefine as condições de produção do sentido social. A informação não circula de maneira neutra ou linear, ela é continuamente filtrada por sistemas que priorizam padrões de engajamento, intensidade emocional e probabilidade de interação, seguindo a lógica de interesses dos proprietários das empresas administradoras das redes sociais. Como consequência, o valor dos conteúdos passa a ser medido menos por sua densidade analítica e mais por sua capacidade de ativar respostas rápidas, reiteradas e afetivamente carregadas.

Nesse ambiente, a circulação do conhecimento científico passa a operar sob tensões estruturais específicas. A linguagem científica, historicamente orientada por procedimentos de mediação rigorosa, contextualização e densidade argumentativa, encontra-se inserida em ecossistemas comunicacionais que privilegiam velocidade, fragmentação e simplificação operacional. Isso produz uma assimetria persistente entre os modos de produção do conhecimento e os regimes de circulação informacional contemporâneos.

Essa assimetria não se limita a um problema de divulgação ou adaptação comunicacional. Trata-se de uma reorganização mais ampla das condições de inteligibilidade pública do conhecimento. O problema não é apenas como a ciência comunica, mas sob quais regimes de visibilidade ela é (des)autorizada a aparecer e ser interpretada socialmente. Na lógica do capitalismo, as plataformas sociais são um

negócio, com a finalidade de gerar e concentrar riquezas. Não é um território livre sem mediações, controles e interesses de seus donos e associados.

A centralidade das métricas de engajamento introduz um deslocamento significativo: a inteligibilidade passa a ser mediada por critérios que privilegiam impacto imediato, polarização e densidade afetiva. Tal fato gera uma tendência estrutural à redução da complexidade, não como falha pontual, mas sim como consequência sistêmica do modo de funcionamento das plataformas.

Nesse contexto da modernidade líquida, a ciência se vê tensionada por uma dupla exigência. De um lado, a necessidade de preservar sua complexidade epistemológica, metodológica e argumentativa; de outro, o imperativo de se tornar socialmente acessível em ambientes que penalizam a lentidão, a nuance e a ambiguidade. Essa tensão não possui solução simples, pois envolve a própria arquitetura contemporânea da circulação de informações no capitalismo de plataforma sob a lógica neoliberal.

Ao mesmo tempo, a esfera emocional deixa de ocupar uma posição marginal nos processos comunicacionais e passa a constituir elemento estruturante da economia informacional. Os afetos, não apenas acompanham a circulação do conteúdo, eles organizam essa circulação. A emoção, além de reação ao discurso, é parte constitutiva do modo como o discurso se torna visível, compartilhável e persistente.

Essa centralidade dos afetos altera profundamente o estatuto da comunicação científica. O desafio contemporâneo não se limita à transmissão de informações verificadas, pois envolve a disputa pelos modos de produção da confiança, da credibilidade e da adesão cognitiva em ambientes saturados de estímulos concorrentes. A ciência deixa de ocupar um espaço protegido de legitimidade automática e passa a disputar reconhecimento em ecologias informacionais instáveis.

Esse deslocamento produz um problema adicional de profunda gravidade para o espaço público e como a ciência se situa nele: a crescente descontinuidade entre complexidade analítica e legibilidade social. Conteúdos mais densos tendem a ser menos distribuídos, não necessariamente por menor relevância, mas por incompatibilidade com os mecanismos de circulação predominantes. Isso reforça a necessidade de repensar as formas de mediação do conhecimento sem reduzir sua complexidade constitutiva.

A questão central, portanto, não reside na oposição entre razão e emoção, nem na defesa de uma neutralização dos afetos no campo científico. Ao contrário, trata-se de reconhecer que toda forma de conhecimento é atravessada por dimensões afetivas,

perceptivas e corporais, ainda que essas dimensões tenham sido historicamente desconsideradas em determinados paradigmas de racionalidade. (Damásio, 1996).

O ponto decisivo é compreender como essas dimensões são organizadas socialmente. Em sistemas comunicacionais orientados pela lógica da captura atencional, os afetos tendem a ser instrumentalizados como mecanismos de aceleração, engajamento e retenção, frequentemente desvinculados de processos reflexivos mais profundos. Isso gera uma dissociação entre intensidade emocional e elaboração crítica.

A comunicação científica, nesse contexto em que dados comportamentais viraram matéria-prima econômica, enfrenta o desafio de reconfigurar sua relação com os afetos sem aderir à lógica da espetacularização informacional. Isso implica construir formas de mediação capazes de sustentar densidade conceitual sem abdicar da inteligibilidade pública, articulando experiência sensível e rigor analítico sem submetê-los à lógica da simplificação mercadológica (Illouz, 2007).

Sem desconsiderar que fazer ciência, o que significa o exercício de sua divulgação para a sociedade, é lidar com os atravessamentos dessa fase do capitalismo global financeirizado, digital e orientado por plataformas, marcada por neoliberalismo em transformação, concentração tecnológica e crise socioambiental.

Na contemporaneidade, a lógica mercadológica redefine as formas de colonização, afastando-se das embarcações que navegavam em busca de territórios a serem dominados e passando a ocupar espaços físicos e digitais. Hoje, o processo colonial manifesta-se de maneira simbólica, atuando sobre mentes, narrativas e experiências cotidianas. A territorialização física cede lugar à colonização emocional e simbólica, na qual a conquista ocorre por meio da normatização de desejos, emoções e comportamentos, adaptando a lógica capitalista global às dinâmicas tecnológicas (Harvey, 2005).

Essa reconfiguração exige deslocar a compreensão tradicional de mediação, uma palavra que está presente nos manuais da etiqueta acadêmica neoliberal. No caso dessa análise, mediar não significa apenas adaptar linguagem, mas reorganizar condições de acesso ao sentido. Trata-se de criar zonas de inteligibilidade compartilhada nas quais diferentes repertórios culturais possam interagir sem hierarquização rígida, o que é desafiador na sociedade administrada pelas plataformas sociais e os algoritmos moldam consumo, atenção, comportamento político e circulação de informação, conforme o conceito de “capitalismo de vigilância”, desenhado por Shoshana Zuboff (2019).

Nesse ponto, a dimensão estética assume papel estruturante. A estética não é aqui entendida como ornamentação do discurso científico, e sim como forma de organização sensível da experiência. Ela opera na articulação entre percepção, emoção e significado, produzindo condições alternativas de compreensão que não se reduzem à lógica proposicional.

A circulação do conhecimento, portanto, passa a envolver, não apenas processos cognitivos, mas também regimes de sensibilidade. A forma como algo é percebido, sentido e experimentado influencia diretamente sua capacidade de produzir compreensão e reconhecimento social.

Essa lógica cria um ciclo no qual até mesmo a autenticidade emocional é convertida em capital. As redes sociais, por exemplo, incentivam a exposição de vulnerabilidades como forma de gerar engajamento, enquanto os algoritmos priorizam conteúdos emocionalmente apelativos, capazes de prender a atenção e maximizar a monetização das interações. Nesse cenário, a aceitação dos sentimentos não emerge como um movimento altruísta ou emancipador, mas como uma estratégia econômica voltada à exploração das emoções para fins lucrativos (Zuboff, 2019).

Isso reposiciona a comunicação científica dentro de um campo mais amplo de disputas simbólicas, no qual se confrontam diferentes regimes de produção de realidade. O problema não é apenas epistemológico, mas político e perceptivo: refere-se às condições sob as quais determinados conhecimentos se tornam visíveis, reconhecíveis e socialmente relevantes.

Nesse cenário, as plataformas digitais funcionam como infraestruturas centrais de organização da experiência contemporânea. Elas não apenas distribuem conteúdo, mas estruturam padrões de percepção, hierarquizam informações e modulam formas de interação social. Sua lógica operacional influencia diretamente o que pode ser visto, o que é amplificado e o que é relegado à invisibilidade.

O capitalismo não apenas permite, mas também incentiva a aceitação e a expressão dos sentimentos, desde que estes possam ser moldados em produtos ou experiências lucrativas. Emoções genuínas são frequentemente apropriadas e convertidas em mercadorias. A raiva e o medo, por exemplo, são explorados por meios de comunicação e plataformas digitais que amplificam conflitos e polarizações, gerando engajamento e, conseqüentemente, lucro por meio da publicidade. A ansiedade, por sua vez, torna-se altamente rentável para indústrias que oferecem soluções como aplicativos de meditação, cursos de produtividade e medicamentos. Já a felicidade, idealizada como

um objetivo permanente, é comercializada por meio de bens materiais, experiências de consumo e estilos de vida difundidos por um exército de influenciadores digitais e marcas (Illouz, 2007).

A consequência disso é a crescente dependência dos sistemas de produção de conhecimento em relação a arquiteturas privadas de circulação informacional. Isso introduz uma camada adicional de mediação entre ciência e sociedade, na qual critérios não científicos passam a influenciar decisivamente a visibilidade pública do conhecimento científico.

Diante disso, a comunicação científica precisa ser compreendida como prática de mediação crítica entre diferentes regimes de produção de sentido: o regime epistemológico da ciência, o regime algorítmico das plataformas e o regime experiencial das práticas sociais cotidianas. Essa intersecção exige a combinação de competência técnica e sensibilidade analítica para compreender os efeitos estruturais dessas mediações.

O desafio contemporâneo não é eliminar as mediações, mas torná-las inteligíveis e criticamente navegáveis. Em outras palavras, trata-se de explicitar os mecanismos pelos quais o conhecimento circula, se transforma e adquire legitimidade em contextos altamente mediados.

Essa perspectiva desloca a comunicação científica de uma lógica transmissiva para uma lógica relacional e estrutural. O foco deixa de ser apenas o conteúdo comunicado e passa a incluir as condições de sua circulação, os dispositivos que modulam sua visibilidade e os regimes de atenção que condicionam sua recepção.

Nesse sentido, a problemática da comunicação científica contemporânea não pode ser reduzida à mera questão da linguagem. Ela deve ser compreendida como uma questão de arquitetura informacional, ecologia perceptiva e disputa por regimes de realidade.

A resistência à mercantilização dos sentimentos na comunicação científica relaciona-se à construção de práticas éticas na divulgação do conhecimento. Nesse contexto, as emoções aparecem como elementos constitutivos da experiência humana, sem necessariamente serem reduzidas a instrumentos de engajamento superficial. A subjetividade do público, assim, integra os processos comunicacionais sem ser convertida em produto de consumo (Santos, 2007). Paralelamente, a comunicação científica configura-se como espaço de debate e reflexão coletiva, favorecendo o aprofundamento dos temas abordados e o questionamento das estruturas sociais existentes, em vez de se

limitar ao consumo imediato de conteúdo (Freire, 1987). Da mesma forma, as narrativas científicas podem ser compreendidas para além das dinâmicas de engajamento mercadológico, valorizando o conhecimento como bem comum e potencialmente transformador, sem recorrer à exploração das emoções como mecanismo de lucro ou maximização da atenção do público (Illouz, 2007).

3. AS ARTES COMO MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

As artes constituem um regime singular de produção de conhecimento, na medida em que operam na intersecção entre percepção, imaginação e elaboração simbólica da experiência. Sua potência não reside na mera ilustração de conteúdos já constituídos, mas na capacidade de reconfigurar os modos pelos quais o mundo pode ser percebido, sentido e compreendido. Ao articular dimensões sensíveis e cognitivas, as artes reorganizam os limites entre racionalidade e afetividade, permitindo formas de apreensão do real que escapam à lógica estritamente proposicional.

Nesse horizonte, a música “Marujo” é mobilizada como dispositivo metafórico estruturante da reflexão, condensando a ideia de travessia como condição existencial e epistemológica. O marujo figura o sujeito em deslocamento permanente, situado entre forças heterogêneas, instabilidades estruturais e horizontes de sentido em constante reconfiguração. Sua navegação não se reduz a um percurso linear, mas expressa um processo de orientação contingente, no qual decidir rotas implica lidar simultaneamente com incertezas, riscos e transformações.

O mar, enquanto espaço simbólico, opera como figura de indeterminação produtiva. Ele representa ao mesmo tempo o desconhecido e um campo de emergência de novas configurações possíveis. A travessia marítima, nesse sentido, traduz a própria condição do conhecimento em contextos contemporâneos: um movimento que não se estabiliza em verdades fixas, mas se reorganiza continuamente diante de novos dados, disputas interpretativas e revisões conceituais. O saber, assim como a navegação, constitui um processo em fluxo, atravessado por contingências e reorientações constantes.

Paul Gilroy (2001), por exemplo, utiliza a metáfora das águas – especialmente do Atlântico – para pensar a experiência moderna negra como movimento, deslocamento e trânsito contínuo. Em sua obra *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*, o oceano deixa de ser apenas um espaço geográfico e passa a funcionar como uma estrutura conceitual para compreender identidades diaspóricas, contingentes e não fixas.

Para o autor, o Atlântico negro configura-se como um espaço de circulação de pessoas escravizadas, culturas, músicas, memórias, linguagens e resistências políticas. Nesse contexto, o oceano simboliza fluxos e conexões transnacionais que desafiam concepções rígidas de identidade, nação e pertencimento. A metáfora das águas surge, assim, em oposição às ideias de identidade enraizada, fixa ou essencialista. Em vez de compreender a identidade negra como algo estável, originário e territorialmente delimitado, Gilroy (2001) a interpreta como um processo histórico produzido nos deslocamentos e nas travessias. O navio negreiro torna-se, nesse sentido, uma imagem central, pois representa simultaneamente violência, ruptura, travessia e produção cultural, funcionando como um espaço móvel entre continentes, raças, línguas e temporalidades. Desse modo, a existência aparece marcada pela contingência, na medida em que identidades se formam em travessias, subjetividades emergem no contato e culturas se constituem por meio da hibridização e do intercâmbio.

Nesse enquadramento, as artes não atuam como simplificação do conhecimento, mas como operação de intensificação de sua inteligibilidade sensível. Ela produz mediações capazes de tornar complexidades epistemológicas acessíveis sem reduzi-las, deslocando a compreensão de um modelo de transmissão linear para um campo de experiência compartilhada. Ao mobilizar imagens, ritmos e afetos, a linguagem artística reorganiza a relação entre sujeito e conhecimento, permitindo que o entendimento se constitua também como experiência incorporada.

Essa dimensão implica uma reconfiguração das fronteiras simbólicas que historicamente separaram formas legítimas e não legítimas de expressão cultural, o que Paul Gilroy (2001) faz com propriedade ao contar as histórias de personagens negros intelectuais e artistas na história da diáspora africana. Ao tensionar distinções rígidas entre repertórios eruditos e populares, as artes expõem o caráter historicamente construído dessas hierarquias e abrem espaço para a emergência de formas mais plurais de circulação do sensível. Nesse movimento, práticas culturais frequentemente marginalizadas passam a operar como fontes legítimas de elaboração de sentidos, colaborando para a ampliação dos regimes de participação simbólica.

Quando processos científicos entram em diálogo com essas expressões, não acontece apenas uma tradução entre linguagens distintas, há uma ampliação do campo epistemológico de referência. O conhecimento deixa de ser compreendido como domínio exclusivo de especialistas e passa a ser reconfigurado como prática relacional, na qual diferentes formas de saber podem interagir, tensionar-se e produzir novas configurações

interpretativas. Trata-se, portanto, de um deslocamento que envolve comunicação e reorganização das condições de inteligibilidade sensível do próprio conhecimento.

Nesse contexto, as artes operam como infraestrutura simbólica de mediação entre experiência e abstração, permitindo que conceitos complexos sejam reinscritos em formas sensíveis de compreensão. Essa mediação não elimina a complexidade, mas a redistribui em outro regime de percepção, no qual o entendimento emerge da articulação entre memórias, imaginação e experiências estéticas.

Assim, a travessia evocada pela metáfora do marujo não se limita ao deslocamento geográfico ou narrativo. Ela expressa uma condição epistemológica mais ampla: a de um conhecimento que se constrói em movimento, atravessado por incertezas constitutivas e continuamente reconfigurado pela experiência. As artes, nesse sentido, não apenas representam essa travessia, como também participam ativamente de sua constituição.

Ao articular razão e emoção, a comunicação científica amplia suas possibilidades de produzir efeitos duradouros e socialmente significativos. Assim, a ciência deixa de ocupar apenas o lugar de objeto de consumo e passa a constituir-se como prática social vinculada à transformação coletiva, incorporando as emoções humanas sem reduzi-las à lógica mercadológica e contribuindo para a construção de uma sociedade mais crítica, consciente e socialmente justa.

4. CORPO, EMOÇÃO E DUBLAGEM DOS SABERES

A metáfora da dublagem do conhecimento constitui uma chave analítica relevante para compreender os desafios contemporâneos da comunicação científica em contextos de alta complexidade informacional e desigualdade de acesso aos saberes. Trata-se de uma operação que não se limita à tradução linguística, porque envolve um trabalho contínuo de reconfiguração entre diferentes regimes de linguagens, experiências e inteligibilidade.

Dublar o conhecimento implica produzir passagens entre universos discursivos heterogêneos sem neutralizar as tensões que os constituem. Em vez de reduzir complexidade para adequação comunicacional, trata-se de reorganizar os modos de apresentação dos saberes de forma a preservar sua densidade conceitual enquanto se amplia sua legibilidade social. O comunicador científico, nesse sentido, não atua como simples transmissor de informações. Ele é o agente de mediação epistemológica,

responsável por construir zonas de tradução entre práticas especializadas e formas plurais de experiência.

Essa operação envolve, necessariamente, uma dimensão interpretativa. Toda dublagem supõe escolhas difíceis e um encontro com o outro: o que enfatizar, o que deslocar, como reorganizar o ritmo da exposição e quais entradas simbólicas podem favorecer a compreensão. Por isso, trata-se de um processo atravessado por decisões éticas e políticas, uma vez que define quais aspectos do conhecimento serão tornados visíveis, quais serão contextualizados e quais permanecerão em tensão interpretativa. A comunicação científica, sob essa perspectiva, deixa de ser uma atividade neutra e passa a integrar o campo mais amplo das disputas por legitimidade e acesso ao conhecimento.

Ao mesmo tempo, essa mediação não se realiza apenas no plano discursivo, ela envolve dimensões corporais e sensoriais frequentemente subestimadas nos modelos tradicionais de divulgação científica. A produção de sentido na comunicação não se reduz ao conteúdo verbal, mas inclui tonalidade vocal, ritmo, pausa, gestualidade, postura e modos de presença. Esses elementos compõem uma gramática expandida da comunicação, na qual o conhecimento é também encarnado e experimentado. Por isso, opta-se por um novo vocabulário: não mais a cosmovisão limitante em único sentido (ver), mas as cosmopercepções com todos sentidos que habitam e aninam o corpo.

O corpo, nesse contexto, não é um suporte secundário da linguagem, mas um operador central de significação. Ele participa ativamente da constituição do entendimento, modulando níveis de atenção, envolvimento e reconhecimento. A comunicação científica, quando reduzida exclusivamente à dimensão textual ou informacional, perde parte significativa de sua potência de produzir conexão e inteligibilidade compartilhada.

Essa compreensão desloca o papel do comunicador científico para uma posição mais complexa e relacional. Sua atuação não se restringe à difusão de conteúdos especializados, mas envolve a construção de experiências comunicacionais capazes de mobilizar diferentes formas de apreensão do conhecimento. Nesse sentido, sua prática se aproxima de uma função pedagógica expandida, na qual ensinar significa explicar e criar condições para que o outro elabore criticamente aquilo que recebe (Freire, 1987).

Essa dimensão pedagógica pode ser compreendida em diálogo com uma cultura política que entende o processo educativo como prática de mediação entre experiência e reflexão, entre mundo vivido e elaboração conceitual. O comunicador

científico, nesse registro, opera como articulador de encontros entre saberes, contextos e sensibilidades distintas, favorecendo processos de apropriação ativa do conhecimento.

Assim, a dublagem dos saberes não se configura como técnica de simplificação, mas como prática de criação crítica. Ela exige atenção às diferenças de repertório, às assimetrias de acesso e às múltiplas formas de produção de sentidos presentes na sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, demanda rigor conceitual para evitar que a ampliação da acessibilidade resulte em perda de densidade analítica.

Nesse equilíbrio instável entre complexidade e comunicabilidade, a comunicação científica revela sua natureza fundamentalmente relacional. Ela não se realiza apenas na transmissão de conteúdo, uma vez que a razão de sentir está na criação de condições para que diferentes sujeitos possam se aproximar, interpretar e reinscrever o conhecimento em suas próprias experiências.

Logo, a dublagem do conhecimento pode ser compreendida como uma prática de mediação expandida, na qual linguagem, corpo e ética se articulam na produção de sentidos compartilhados. Trata-se de um processo que transforma a comunicação científica em espaço de encontro, negociação e elaboração coletiva dos saberes, preservando sua complexidade ao mesmo tempo em que amplia suas possibilidades de circulação social.

E isso é fazer atos de resistência no mercado dos desejos de poder e da transferência da culpa. Na dinâmica das relações sociais e econômicas, o desejo de ascender a posições de poder pode ser compreendido como um reflexo das estruturas opressoras que organizam a sociedade contemporânea. Sob a perspectiva do sujeito oprimido, esse desejo frequentemente é interpretado como uma ambição equivocada ou moralmente questionável. Entretanto, tal interpretação tende a desconsiderar os contextos históricos e sociais que produzem esse anseio, deslocando a responsabilidade das estruturas sistêmicas para os próprios indivíduos submetidos à opressão. Essa lógica, não apenas obscurece os mecanismos estruturais de dominação, como também contribui para a reprodução das dinâmicas opressoras, de modo semelhante ao que ocorre em relações abusivas (Freire, 1987).

A lógica mercadológica contemporânea constitui uma das principais engrenagens desse processo. O capitalismo, em sua faceta neoliberal, transforma a opressão em um ciclo economicamente produtivo ao alimentar o desejo de ascensão social por meio da promessa de poder, reconhecimento e sucesso individual. Nesse contexto, consolida-se a ideia de que a liberdade e a realização pessoal estariam

associadas ao consumo, à adesão a padrões de *status* e à aquisição de símbolos de poder. Desse modo, o mercado contribui para a manutenção da dinâmica entre opressor e oprimido, deslocando o foco das desigualdades estruturais para os esforços, escolhas e responsabilidades individuais (Bauman, 2001).

Esse modelo de exploração emocional manifesta-se de forma evidente na mercantilização dos desejos. O capitalismo estimula o consumo como mecanismo de validação e ascensão social, difundindo a ideia de que o acesso a determinados bens ou estilos de vida equivale a sucesso. Nesse contexto, a posse de marcas de luxo, a busca por ideais corporais e a adesão a estilos de vida glamorizados convertem-se em estratégias de obtenção de *status* social que prometem poder, mas que, na prática, tendem a reproduzir as mesmas estruturas de exploração que os sustentam (Illouz, 2007).

De modo análogo ao funcionamento de relações abusivas, o sistema pode induzir o indivíduo a internalizar a responsabilidade por sua posição desfavorável, deslocando a atenção das estruturas sistêmicas que produzem e mantêm a desigualdade. Essa internalização da culpa tende a intensificar práticas de consumo e de autossuperação contínua, levando o sujeito a esforços crescentes e à busca por padrões frequentemente inatingíveis, o que contribui para a reprodução de um ciclo no qual o poder é constantemente prometido, mas não efetivamente alcançado (Han, 2017).

5. A IARA, A BRASILIDADE E AS PLATAFORMAS

A figura da Iara opera como dispositivo simbólico de alta densidade interpretativa, capaz de articular dimensões mitológicas, culturais e políticas na leitura das dinâmicas contemporâneas de produção e circulação do conhecimento. Presente no imaginário da cultura popular brasileira, a Iara condensa atributos associados às memórias, ao encantamento, à escuta e à proteção. Além disso, ela incorpora à ambivalência própria das narrativas que habitam os territórios aquáticos: aquilo que acolhe e, simultaneamente, aquilo que desloca, atrai e desestabiliza.

Essa ambivalência torna-se especialmente potente quando deslocada para a leitura das plataformas digitais. Os rios da Iara podem ser compreendidos como figuração das infraestruturas contemporâneas de circulação informacional, nas quais fluxos contínuos de dados, narrativas plurais e interações sociais se entrecruzam em velocidades variáveis e sob regimes assimétricos de visibilidade. Assim como as águas carregam e transformam tudo aquilo que nelas circula, as plataformas digitais não apenas armazenam

conteúdos, como também reconfiguram seus significados por meio de dinâmicas algorítmicas, filtros de relevância e disputas permanentes por atenção.

Nesse ambiente, as memórias deixam de ser um repositório estático e passam a constituir um campo ativo de reorganização do passado no presente. Discursos são constantemente reordenados, amplificados ou obscurecidos conforme critérios técnicos e econômicos que não são imediatamente transparentes aos sujeitos que deles participam. A promessa de circulação livre de informações convive, assim, com mecanismos sofisticados de hierarquização simbólica e modulação da visibilidade.

Essa configuração evidencia que as plataformas digitais não são espaços neutros de interação, mas sim ecossistemas atravessados por relações de poder que reproduzem e atualizam desigualdades históricas. A concentração de infraestrutura tecnológica, capacidade de processamento de dados e controle de algoritmos em poucas corporações globais introduz uma nova forma de assimetria informacional, na qual o acesso ao visível torna-se progressivamente mediado por lógicas proprietárias e opacas.

Nesse contexto, a metáfora da Iara adquire também uma dimensão crítica e de busca de táticas de resistência: assim como a figura mítica guarda e reorganiza as narrativas que atravessam os rios, as plataformas contemporâneas selecionam, modulam e redistribuem aquilo que pode emergir como discurso socialmente reconhecível. No entanto, diferentemente do imaginário mítico que sugere cuidado e proteção das águas, o ambiente digital contemporâneo é atravessado por dinâmicas de extração de valor, vigilância e monetização da experiência.

Essa tensão reposiciona a reflexão sobre brasilidade como um campo de disputa epistemológica e política. Pensar a brasilidade, nesse enquadramento, não significa apenas afirmar uma identidade cultural estável e fixa. Pelo contrário, reivindica reconhecer a multiplicidade de experiências históricas, linguísticas e sociais que constituem o país. Trata-se de um movimento que recusa a homogeneização cultural e abre espaço para a valorização de saberes produzidos em contextos periféricos, populares, indígenas e afro diaspóricos.

Essa valorização não se limita à inclusão simbólica de narrativas marginalizadas, mas implica uma transformação mais profunda nos critérios de legitimidade do conhecimento. Ao deslocar o eixo da produção de sentido para além dos centros hegemônicos de validação, amplia-se o campo de possibilidades epistemológicas e cria-se espaço para formas mais plurais de compreensão da realidade social.

É nesse ponto que a proposição de saberes localizados se torna particularmente relevante. A noção de que todo conhecimento é produzido a partir de posições situadas histórica, cultural e materialmente desestabiliza a ideia de neutralidade absoluta e evidencia o caráter relacional da produção de sentidos. Conhecer implica sempre ocupar um lugar, ainda que esse lugar possa ser reconhecido, questionado e transformado ao longo do processo de investigação e interpretação. É preciso desestabilizar as estratégias dos fluxos das redes e enganar os algoritmos com táticas cotidianas.

Em Michel Foucault (1989; 2003), a distinção entre táticas e estratégias está ligada às formas como o poder se organiza e se exerce no tecido social. As estratégias correspondem a dispositivos mais amplos de poder-saber, institucionalizados e relativamente estáveis, que estruturam campos inteiros de ação (como Estado, instituições, regimes de verdade e sistemas de classificação). Já as táticas operam de maneira local, situacional e móvel: são práticas cotidianas, descontínuas e oportunistas que se inserem nas brechas das estruturas estratégicas, reconfigurando seus efeitos sem necessariamente destruí-las.

Apropriada ao contexto dos algoritmos contemporâneos – como os de plataformas digitais e sistemas de recomendação – essa distinção permite compreender esses sistemas como estratégias de poder baseadas na coleta de dados, previsão comportamental e modulação da atenção. Nesse cenário, as táticas, como os encantos de Iara, podem ser entendidas como práticas de desvio, opacidade e reapropriação dos usos tecnológicos (por exemplo, subversão de padrões de engajamento, uso de ambiguidades semânticas, ou criação de ruídos informacionais) que desestabilizam parcialmente a governamentalidade algorítmica ao interferir em sua capacidade de prever, classificar e otimizar comportamentos.

A partir dessa perspectiva, democratizar a ciência não se reduz à ampliação do acesso aos produtos do conhecimento científico. Tal tática envolve o reconhecimento da legitimidade de múltiplos regimes de experiência e interpretação do mundo. Isso exige a construção de práticas comunicacionais e epistemológicas capazes de sustentar o diálogo entre diferentes formas de racionalidade, sem hierarquizá-las previamente.

A figura da Iara, nesse sentido, não apenas ilustra esse cenário, mas o reorganiza simbolicamente. Ela opera como mediadora entre águas e narrativas, entre memórias e circulação, entre proteção e transformação. Ao ser mobilizada como metáfora interpretativa, permite compreender as plataformas digitais e os espaços de produção de

conhecimento como territórios atravessados por disputas contínuas de visibilidade, sentido e reconhecimento.

Dessa forma, a reflexão sobre brasilidade, tecnologia e conhecimento converge para uma mesma problemática: a necessidade de construir ecologias simbólicas mais plurais, nas quais diferentes formas de vida, linguagens e saberes possam coexistir sem serem reduzidas a um único regime de validação.

A visibilidade de pautas historicamente marginalizadas constitui um operador político central nas dinâmicas contemporâneas de produção do espaço público. Longe de ser um fenômeno meramente comunicacional, a exposição de experiências sociais silenciadas implica uma reconfiguração das condições de aparecimento dos sujeitos no campo social, tensionando regimes estabelecidos de reconhecimento, legitimidade e audibilidade. Mesmo quando essa visibilidade se realiza de forma parcial, mediada ou atravessada por distorções, ela produz fissuras relevantes nas estruturas históricas de apagamento simbólico. Iara inunda as plataformas e redes com suas águas carregadas de memórias marginalizadas e dissidentes.

Nesse sentido, a visibilidade não deve ser compreendida como simples amplificação quantitativa de discursos, e sim como disputa sobre as condições de enunciação. O que está em jogo não é apenas o que se torna visível, mas sob quais critérios, em quais formatos e sob quais filtros essa visibilidade se organiza. A emergência de determinadas narrativas no espaço público contemporâneo está diretamente vinculada a arquiteturas técnicas e econômicas que regulam o alcance, a circulação e a permanência dos conteúdos.

Manuel Castells (2009), em uma leitura otimista, evidencia que a constituição das redes digitais produziu uma transformação estrutural nas formas de mobilização política, deslocando os centros tradicionais de mediação e permitindo a emergência de dinâmicas comunicacionais mais descentralizadas. Nesse cenário, experiências antes confinadas a esferas locais ou invisibilizadas por estruturas institucionais passaram a encontrar canais de expressão em escala ampliada, reconfigurando o campo do debate público e das disputas por reconhecimento social.

Entretanto, a expansão da circulação discursiva não pode ser confundida com transformação social automática. A abertura dos canais de expressão convive com a persistência – e, em muitos casos, com a intensificação – de mecanismos de filtragem, hierarquização e modulação algorítmica da visibilidade. A infraestrutura digital

contemporânea distribui conteúdos, organizando sua relevância, recorrência e capacidade de incidência pública.

Dessa forma, a disputa política contemporânea não se restringe à produção de discursos e se estende às condições técnicas e econômicas que determinam sua circulação. A visibilidade torna-se, assim, um campo altamente regulado, no qual forças assimétricas influenciam quais narrativas ganham centralidade e quais permanecem nas margens da esfera pública digital.

Nesse contexto, a transformação social não decorre automaticamente da exposição de injustiças ou da ampliação de vozes antes silenciadas. Ela depende da capacidade de reorganizar os regimes de atenção e de construir formas sustentáveis de interpretação coletiva, capazes de converter visibilidade em elaboração crítica e ação social. A simples presença de conteúdos no espaço público não garante sua assimilação significativa nem sua potência transformadora.

É nesse ponto que a articulação entre artes e comunicação científica adquire relevância tática. Ambas podem operar como práticas de deslocamento dos regimes hegemônicos de percepção, introduzindo modos alternativos de organização do sensível e ampliando o campo de inteligibilidade das experiências sociais. A comunicação científica, quando atravessada por dimensões estéticas e sensíveis, pode superar o registro estritamente informacional e produzir formas mais complexas de engajamento com o conhecimento.

As artes, por sua vez, não apenas representam conflitos sociais, reorganizam as formas de percebê-los, criando regimes de experiência nos quais a dimensão afetiva e simbólica participa ativamente da construção de sentidos. Ao operar nesse nível, as artes ampliam a capacidade de reconhecimento das desigualdades e possibilitam modos de compreensão que escapam à lógica exclusivamente discursiva.

Quando ciência e artes se articulam, estabelece-se um campo híbrido de produção de conhecimento no qual racionalidade, sensibilidade e experiência social deixam de ser domínios separados. Essa convergência permite a constituição de narrativas mais complexas, capazes de integrar densidade analítica e impacto sensível, favorecendo processos de compreensão que não se limitam à transmissão de informação, uma vez que envolvem também elaboração crítica e experiências compartilhadas.

Nesse horizonte, a potência transformadora reside na visibilidade das pautas e na qualidade das mediações que permitem sua interpretação e elaboração coletiva. Trata-se de construir formas de comunicação capazes de sustentar simultaneamente

complexidade analítica, sensibilidade estética e abertura à pluralidade de experiências sociais, criando condições para que a visibilidade se converta em processo efetivo de reconhecimento e transformação.

Ao reconhecer que o desejo de poder é moldado e explorado pelo sistema, torna-se possível direcionar esforços para o questionamento das estruturas que perpetuam a opressão. Nesse horizonte, insere-se tanto a crítica à mercantilização dos afetos quanto a valorização de narrativas que enfatizam o pertencimento, a equidade e a colaboração como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais humana e inclusiva (Sassen, 2014).

EM BUSCA DE PONTOS DE FUGA...

O texto sustenta que a comunicação científica não pode ser compreendida como uma operação meramente técnica de transmissão de informações, e sim como uma prática complexa de mediação entre regimes de conhecimento, experiências sociais e disputas simbólicas por legitimidade. Em contextos atravessados por desigualdades estruturais, instabilidades democráticas e intensificação dos processos de mercantilização da atenção e dos afetos, comunicar ciência implica necessariamente assumir uma dimensão ética, política e cultural, na qual os modos de dizer são inseparáveis dos modos de tornar o mundo inteligível.

Ao longo da reflexão, evidenciou-se que a ampliação do alcance da ciência na esfera pública não depende apenas de estratégias de divulgação ou simplificação. Isso demanda a construção de formas de mediação capazes de sustentar simultaneamente rigor epistemológico e acessibilidade social. Exige deslocar a comunicação científica de um modelo transmissivo para um modelo relacional, no qual diferentes formas de linguagens, experiências e sensibilidades participam da produção de sentidos.

Nesse horizonte de expectativas, as artes ocupam posição estruturante ao operar como forma de reorganização do sensível, permitindo que o conhecimento científico se torne experienciável em múltiplos níveis de compreensão. Sua potência não reside na ilustração dos saberes, mas na capacidade de reconfigurar os modos de percepção, produzindo conexões entre dimensões cognitivas, afetivas e simbólicas da experiência humana. Ao fazê-lo, colabora para a ampliação das condições de inteligibilidade do conhecimento e a construção de vínculos mais densos entre ciência e vida social.

As metáforas mobilizadas ao longo do texto, especialmente aquelas associadas à figura do marujo, permitem compreender o conhecimento como processo de travessias permanentes. Essas travessias não se reduzem a um deslocamento linear rumo à estabilidade do saber, mas expressam uma dinâmica contínua de negociação com incertezas, transformações e recomposições de sentidos. O ato de conhecer, nesse mirante, aproxima-se da experiência de navegação em ambientes instáveis, nos quais orientação, adaptação e abertura ao imprevisível constituem condições permanentes.

A partir dessa perspectiva, a democratização da ciência não pode ser reduzida à ampliação do acesso aos conteúdos científicos já constituídos. Ela envolve, antes, a reconfiguração das condições de produção, circulação e reconhecimento do conhecimento, de modo a incorporar múltiplas formas de saberes e experiências historicamente situadas. Trata-se de reconhecer que a ciência se realiza em diálogo com diferentes territórios simbólicos, culturais e sociais, e que sua legitimidade se fortalece quando é capaz de acolher essa pluralidade sem perder sua densidade crítica.

Conclui-se, portanto, que a democratização do conhecimento científico depende da construção de práticas comunicacionais mais inclusivas, dialógicas e sensíveis às diversidades culturais e epistemológicas. Isso implica reconhecer que o conhecimento se constitui nos espaços institucionais formais e nas práticas cotidianas, expressões artísticas, narrativas populares, corporalidades, memórias coletivas e experiências de resistência, que atravessam a vida social.

Por fim, comunicar ciência é também participar da construção de mundos possíveis, nos quais o conhecimento não se limita à sua dimensão informacional porque se afirma como prática viva de interpretação, vínculos e transformação social.

No contexto da comunicação científica, a paixão pela ciência pode ser compreendida como o impulso inicial que mobiliza a tradução do conhecimento acadêmico para públicos mais amplos, expressando o entusiasmo pela descoberta e a vontade de compartilhar saberes. Essa dimensão inicial, contudo, tende a se diferenciar de uma relação mais duradoura com a ciência, marcada por um compromisso ético contínuo com sua difusão, que sustenta a profundidade e a efetividade da comunicação científica (Santos, 2007). Nesse processo, a atuação dos comunicadores científicos envolve um gesto de amor: a tradução do conhecimento e a construção de uma relação responsável com o público, sensível aos impactos emocionais e às diferentes experiências de recepção do saber, evitando a mera transmissão instrumental da informação e reconhecendo a complexidade das mediações envolvidas (Freire, 1987).

Ao traduzir e dublar o conhecimento, o comunicador científico, inspirado nas figuras do marujo e de Iara, cria condições para que ele reverbere e se desdobre em diferentes contextos. Essa reverberação não se limita ao público imediato, uma vez que se estende a outras comunidades e redes, configurando um processo contínuo de circulação dos saberes e de transformação (Latour, 1987). Nesse movimento, o comunicador científico ultrapassa a mera transmissão de informações e passa a atuar na mediação de sentidos, contribuindo para a ampliação das formas de compreensão e de apropriação do conhecimento e, conseqüentemente, para a expansão do impacto social da ciência em um mundo fraturado (Sennett, 2006).

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- DAMÁSIO, Antonio. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**; 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**, Petrópolis: Vozes, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: 34, 2001.
- HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs and women: the reinvention of nature**. New York: Routledge, 1991. [Tradução publicada em: **Cadernos Pagu**, Campinas, 1995].
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2005.
- hooks, bell. **Killing rage: ending racism**. New York: Henry Holt and Company, 1995.
- ILLOUZ, Eva. **Cold intimacies: the making of emotional capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2007.
- LATOUR, Bruno. **Science in action: how to follow scientists and engineers through society**. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2007.

SASSEN, Saskia. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. São Paulo: Intrínseca, 2019.